

Na onda da exportação

MARCOS PERON/kino.com.br

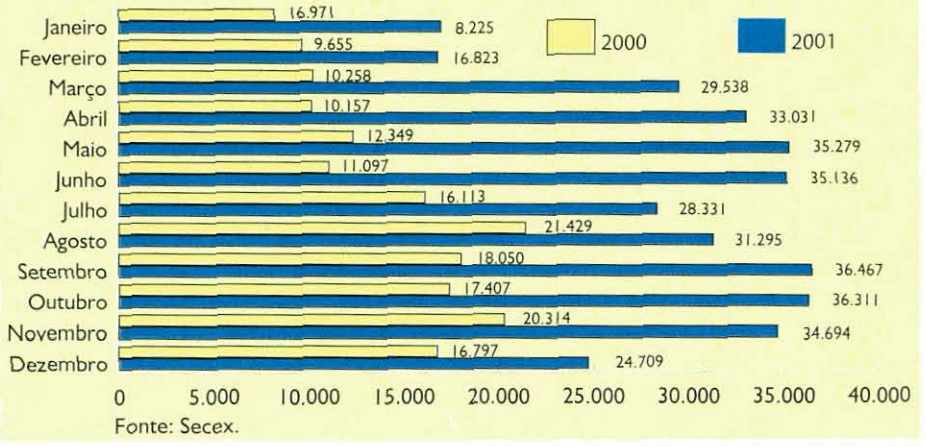
Aumenta de modo surpreendente o fornecimento de carne de porco brasileira para os mercados do mundo

Pelos dados da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (Abipecs), as exportações brasileiras de carne suína no ano de 2001 alcançaram US$358,6 milhões, o que representa um incremento de 108,7% sobre o ano anterior.

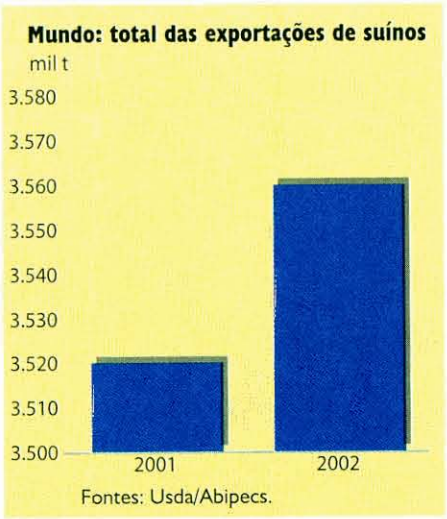
Com esse formidável desempenho, o Brasil passou a ocupar a quarta posição no *ranking* dos países exportadores de carne suína. Na linha de frente aparecem somente nações de larga tradição no comércio internacional, como Canadá, Estados Unidos e Dinamarca. No final dos anos 90 o país estava em 10° lugar,

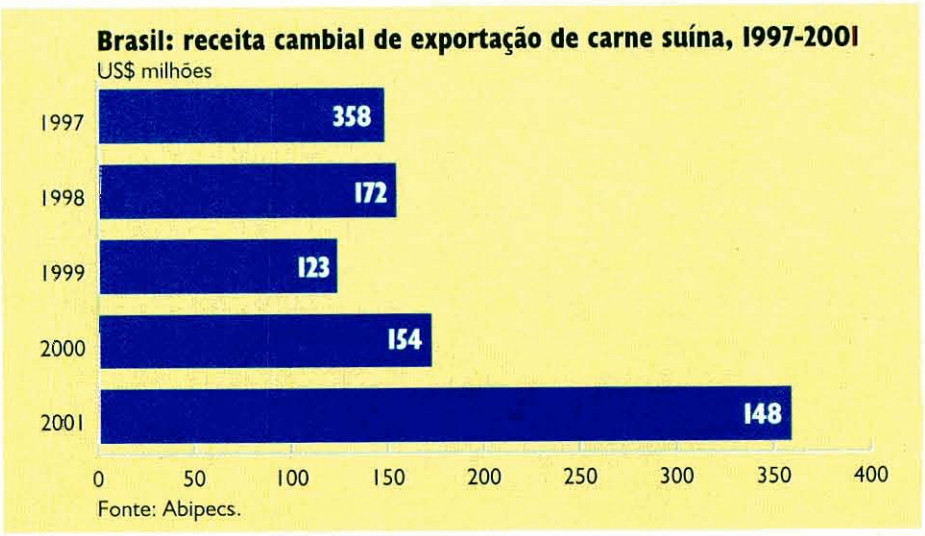
Brasil: receita cambial mensal de exportação de carne suína

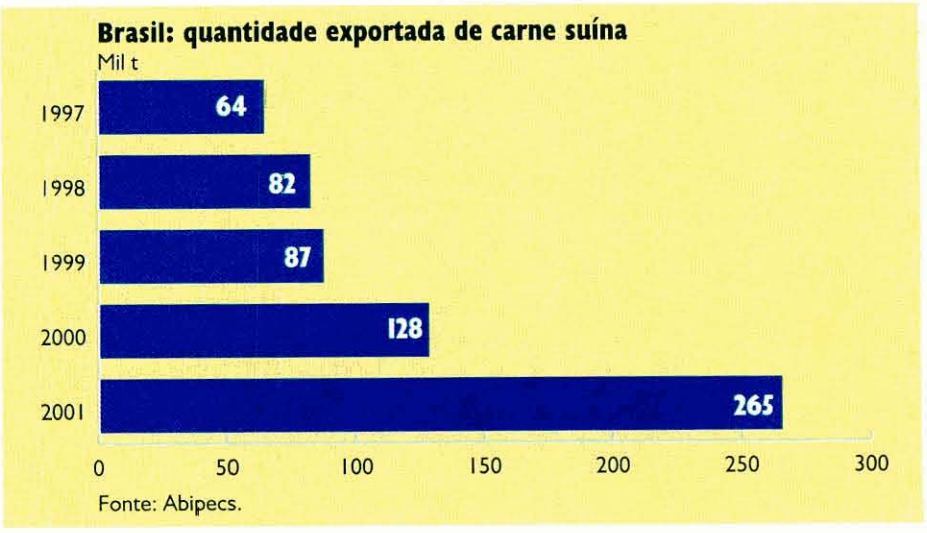
US$ milhões

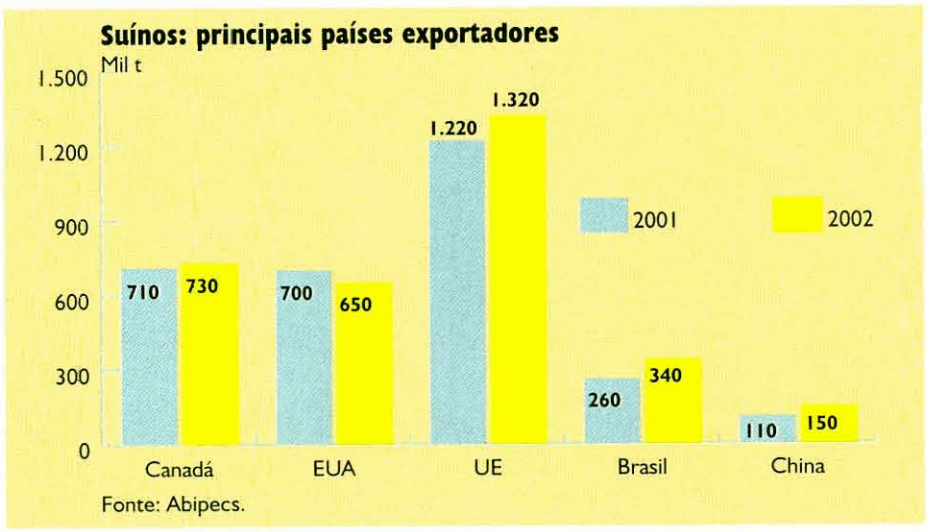


Fonte: Secex.









longe dos postos principais.

Diante da crescente ocupação do mercado russo, um dos maiores importadores do mundo, as agroindústrias nacionais, importantes fornecedores. As competitivas empresas dinamarquesas perderam suas posições para Seara, Sadia, Perdigão, Chapecó e Aurora. A Rússia foi o destino de 57% dos embarques nacionais em 2001.

Com o recorde de vendas externas, a oferta interna esteve bem ajustada à demanda, sustentando os preços internos. Nas integrações o preço do animal vivo atinge o maior valor dos últimos quatro anos. Preocupa o preço do milho, cuja oferta não será folgada como aconteceu no ano passado.

Para 2002 a tendência de crescimento das exportações continua fortalecida. Em cenário otimista, a Abipecs projeta uma exportação de 350 mil toneladas de carne e uma arrecadação de US$500 milhões.

A notícia aguardada com ansiedade pelo setor diz respeito à perspectiva de abertura do mercado da União Européia para os produtos brasileiros. Desde 1978, quando se detectaram os primeiros focos de peste suína no rebanho nacional, o comércio entre as duas regiões foi interrompido. Para abril, está prevista a visita de uma missão de veterinários da UE para inspecionar granjas produtoras e frigoríficos exportadores de suínos.

Existe uma preocupação de diminuir a concentração de entregas ao mercado russo. Em maio do ano passado, os embarques foram interrompidos em razão dos focos de aftosa no Rio Grande do Sul. Em curto espaço de tempo a medida foi suspensa, exceto para a carne gaúcha. O enredo seria outro se não tivesse havido o cancelamento. O Brasil comercializa com os russos apenas carne para industrialização e espera autorização para colocar produtos no varejo. A questão ganha contorno político porque o produto brasileiro desbanca a agroindústria local e dá margem à exigência de contrapartidas comerciais nas áreas de aviação e fertilizantes (**L.A.P.** e **R.A**).